Valor ECONÔMICO

Imprimir ()

18/05/2015 - 05:00

Mazelas da indústria reúnem liberais e desenvolvimentistas

Por **Cristian Klein**

Marconi, da FGV: relevância do setor no desenvolvimento é ponto em comum

A indústria brasileira ganhou um calhamaço à altura do problema que vem passando nos últimos anos - tão grande que foi capaz de reunir pesquisadores de pensamentos divergentes, de ortodoxos a desenvolvimentistas.

Com 712 páginas e o propósito de apresentar uma pluralidade de visões, a Fundação Getulio Vargas (FGV) lança amanhã, no Rio, o livro "Indústria e Desenvolvimento Produtivo no Brasil". O volume esmiúça os desafios para o setor, cuja participação na economia já encolheu 6,5 pontos percentuais em uma década: de 17,4% do PIB em 2005 para 10,9% no ano passado.

Autor de um dos artigos do livro, o professor da UnB Jorge Arbache defende o fim de outra polarização: a que divide o debate sobre a indústria brasileira numa espécie de 'Fla x Flu'. De um lado, situa, estão os defensores de políticas protecionistas, para evitar a desindustrialização. De outro, há os que afirmam que isso não é um problema tão grave, já que o caminho natural, observado nos países desenvolvidos, é a maior participação do setor de serviços. "A história não é bem essa. Não é nem indústria, nem serviços. A variável importante é a densidade industrial", diz.

Arbache lembra que a indústria americana corresponde a cerca de 12% do PIB dos Estados Unidos - nível semelhante ao do Brasil - mas o percentual chega a 39,5% se considerada toda a cadeia de serviços sofisticados que está "pendurada" nela, referentes a design, marketing, P&D, entre outros. "O século 21 é caracterizado pela simbiose entre produtos e serviços", diz Arbache, ao citar que 93,5% do valor final de um celular iPhone remunera serviços sofisticados como o software ou a marca da "maçãzinha" da Apple.

Com artigos de 36 autores, o livro da FGV é baseado em estudos apresentados em seminário organizado em São Paulo, no ano passado, pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) e pela Escola de Economia de São Paulo (EESP), ambos da FGV.

"A relevância da indústria no processo de retomada do desenvolvimento é o ponto comum entre os autores, mas as estratégias é que são variadas", afirma Nelson Marconi, professor da EESP e um dos organizadores do livro, ao lado de Mauricio Canêdo Pinheiro (Ibre), Laura Carvalho (USP) e do ministro do Planejamento Nelson Barbosa, oriundo da FGV.

Um bom exemplo das divergências, cita Marconi, é a avaliação do papel do BNDES. Enquanto o artigo de Marcelo Miterhof, João Carlos Ferraz e Felipe Marques ressalta a importância do banco de desenvolvimento estatal para corrigir falhas de mercado, Mauricio Canêdo argumenta que a política do BNDES poderia ter sido mais bem desenhada.

"O foco dos empréstimos do BNDES deveria ser quando o negócio envolve um risco alto ou quando o benefício social é alto mas o privado é baixo, a ponto de não estimular as empresas", afirma Canêdo, que destaca, no entanto, o caráter heterogêneo das visões defendidas no livro. O organizador estima que dos 36 autores do livro, cerca de 35% sejam ortodoxos e 65% estejam mais próximos de um pensamento desenvolvimentista.

Para o pesquisador do Ibre, o Brasil está num "lugar incômodo" na economia global porque, de um lado, não tem como competir com indústrias intensivas em mão de obra, como as de China, Índia, Bangladesh, e, por outro, não consegue concorrer com os países mais intensivos em inovação e conhecimento, como Japão, Coreia e a própria China. "O Brasil está no meio do caminho. E a nossa indústria perde mercado interno e externo, para o primeiro e o segundo grupo de países", diz.

Em sua opinião, como não dá para ser competitivo em tudo, uma boa aposta para o Brasil seria investir na indústria associada a recursos naturais, como a de biocombustíveis, petróleo e gás e celulose, nas quais o país já tem vantagem comparativa. "A revolução do agronegócio tem muito a ver com as pesquisas da Embrapa. Tecnologia não é só informática. Há muita pesquisa e desenvolvimento (P&D) que não está só no tablet ou no celular de última geração. Inclusive, não temos muita chance nesse grupo de atividades", afirma.

Para Arbache, entre as razões para a baixa densidade industrial brasileira - que é nove vezes menor que a dos Estados Unidos, afirma - está o fato de que indústria e agricultura brasileiras, historicamente, demandaram poucos serviços sofisticados. Com o mercado nacional protegido e expostas à pouca competição, as próprias empresas não ajudaram a desenvolver estes serviços. "Nesse processo, o governo tem culpa, porque não deu condições de fazer negócios, mas o empresário também, porque não fez o dever de casa quando o mercado estava fechado", diz o especialista.